

VIVÊNCIAS DE JUVENTUDES LGBTQIAPN+ NO ENSINO SUPERIOR: ENTRE MARCADORES SOCIAIS DE DIFERENÇA E VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

EDMARCUS CARVALHO NOVAES

Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), Governador Valadares, Brasil.

ADRIANA DE OLIVEIRA LEITE COELHO

Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), Governador Valadares, Brasil.

TIAGO DE CASTRO SILVA

Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), Governador Valadares, Brasil.

YASMIN COELHO COUTINHO DUARTE

Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), Governador Valadares, Brasil.

RESUMO: Este artigo apresenta percepções de jovens que se auto intitulam LGBTQIAPN+ e que cursam graduação em uma instituição de ensino superior comunitária em Governador Valadares/MG. Com base nos conceitos de violência simbólica de Pierre Bourdieu e de poder disciplinar de Michel Foucault, tais marcadores sociais de diferença (juventudes, identidades de gênero e orientação sexual dissidentes) são relacionados às experiências de violência de gênero. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, que utiliza entrevistas semiestruturadas com 10 participantes. Os resultados revelam que, apesar dos avanços nos contextos universitários para se criar ambientes inclusivos e de respeito às diferenças, há necessidade de melhorar a comunicação e o engajamento institucional para apoiar eficazmente as juventudes LGBTQIAPN+.

PALAVRAS-CHAVE: Marcadores Sociais de Diferença. Violência de Gênero. Juventudes LGBTQIAPN+. Ensino Superior.

INTRODUÇÃO

O Dossiê 2023 sobre Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil (2024), publicação conjunta entre Acontece Arte e Política LGBTI+, ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) e ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos), apontou que o país registrou em média uma morte violenta de pessoas LGBTQIAPN+ a cada 32 horas, no ano de 2022. Em 2023, a idade das vítimas variou entre 10 a 69 anos, sendo que o maior grupo (30,43% do total) é composto por pessoas adultas jovens que tinham entre 20 a 29 anos. Por segmentos, nessa faixa etária, têm-se que travestis, mulheres transexuais e lésbicas são a maioria dos casos. Quanto aos gays, homens trans e pessoas transmasculinas, destaca-se como maior incidência a faixa etária entre 30 a 39 anos.

As identidades de gênero e orientações sexuais são marcadores sociais de diferença que territorializam tais juventudes, vitimadas pelas distintas formas de

violência de gênero. Marcadores sociais de diferença são “(...) sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais” (Zamboni, 2018, p. 13). Nesse sentido, a classificação serve para organização das experiências humanas no mundo social – sem a pretensão de ser exaustiva. Trata-se da possibilidade de compreender tais vivências como decorrentes de construções sociais, contextualizadas nas experiências humanas e em suas práticas cotidianas.

É importante destacar que os marcadores sociais de diferença são correlatos às relações de poder, uma vez que os sistemas de poder organizam tais marcadores a partir de “(...) uma operação de cunho capitalista e, assim, o faz justamente porque essas apontam para as diferenças vivenciadas em lógicas patriarcais, raciais, heteronormativas, etárias, sociais, culturais e políticas, etc., todas fomentadoras de desigualdades” (Novaes, 2022, p. 33).

Além desta perspectiva coletiva, os marcadores sociais de diferença são importantes para se pensar as distintas formas de subjetividades. Piscitelli (2008) e Henning (2015) propõem considerá-los como potências que se configuram em contextos de desigualdades sociais, uma vez que de forma subjetiva possibilitam inclusive a constituição de resistências e de desconstrução de múltiplas categorias socialmente construídas. Assim, é importante considerar que a infinidade de marcadores se expressa em toda e qualquer análise social e, portanto, é preciso entender quais são “(...) diferenças que fazem diferença em termos específicos, históricos, localizados e, obviamente, políticos” (Henning, 2015, p. 111).

Nesse sentido, ser jovem também é um marcador social de diferença deste grupo analisado. Nesta produção, tomamos as juventudes como uma fase da vida marcada por transformações intensas, tanto em nível individual quanto social. De acordo com Juarez Dayrell (2003), a juventude deve ser entendida não apenas como uma fase transitória entre a infância e a vida adulta, conforme determina, por exemplo, o Estatuto da Juventude com a Lei Federal nº. 12.852/2013, que a tipifica entre 15 a 29 anos.

Ao pensar na pluralidade das formas de ser jovem, o autor entende as juventudes como uma construção social, que varia conforme o contexto histórico, cultural e econômico. Elas apresentam múltiplas vivências e formas de ser, pensar e agir no mundo.

Dessa discussão, entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. (Dayrell, 2003, p. 42).

Por outro lado, as juventudes LGBTQIAPN+ vivenciam experiências de violência em decorrência da repressão social de suas identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes – aqui entendidas como aquelas que se pautam em outras formas para além

do patriarcado e do falocentrismo como constituintes de suas relações afetivo-sexuais (Novaes, 2022). Tais marcadores são constituídos sem situações que são denominadas como as propulsoras de violências de gênero.

Inicialmente compreendida como provenientes da dominação masculina sobre as mulheres, essa concepção de violência de gênero é atualmente considerada limitada, ao desconsiderar as diversas formas de expressão de gênero e de sexualidade humana existentes. A Organização Mundial de Saúde (2002), atualmente, define a violência de gênero como

(...) qualquer comportamento que cause danos físico, psicológico ou sexual àqueles que fazem parte da relação. Esse comportamento inclui: atos de agressão física (estapear, socar, chutar e surrar), abuso psicológico (intimidação, constante desvalorização e humilhação), relações sexuais forçadas e outras formas de coação sexual e vários comportamentos controladores (tais como isolar a pessoa de sua família e amigos, monitorar seus movimentos e restringir seu acesso às informações ou à assistência) (OMS, 2002).

À vista disso, a violência de gênero é compreendida como aquela decorrente de ações violentas, que são produzidas em relações de poder. Trata-se de uma violência interpessoal e não uniforme, uma construção social, cultural, econômica e política, em que é 'permitido' considerar que aquelas subjetividades cujos gêneros se identifiquem como não masculinos sejam tidas como subversivas, e que, portanto, questionam o poder patriarcal e ameaçam sua hegemonia.

Outra forma de se pensar a violência de gênero é tomando-a como uma categoria analítica. Nesta concepção, para Almeida (2007), refere-se aos lugares sociais sexuados, em que as múltiplas desigualdades estão expostas, envolvidas em uma dada ordem simbólica. Por ser analítica, essa categoria encontra-se em disputa nos campos teóricos e políticos, pois se ajustam às finalidades desejadas, para se pensar contextos e especificidades, e isto denota que os sistemas de classificação são didaticamente codificações empreendidas para se diferenciar suas formas de manifestação, sem exauri-las (Bandeira, 2014).

Nesta produção, a relação entre tais marcadores sociais de diferença (ser jovem e LGBTQIAPN+) e as distintas formas violências de gênero é analisada em duas dimensões contextuais: como *violência simbólica* e como violências que reverberam ações disciplinares decorrentes *de relações de poder*.

Para Pierre Bourdieu (1989b) a violência simbólica ocorre em formas de opressão invisíveis, mas profundamente enraizadas nas estruturas sociais, que perpetuam a desigualdade e marginalização de determinados grupos. Dessa forma, a repressão contra pessoas LGBTQIAPN+ pode ser vista como uma manifestação dessa violência simbólica, materializadas em normas sociais, estereótipos e discriminações institucionalizadas, que limitam a expressão e a existência plena dessas juventudes tidas como dissidentes.

Já numa dimensão em que as violências de gênero são dadas a partir de ações disciplinares que reverberam hierarquias em relações de poder – em que sempre há partes fragilizadas – argumenta-se que o poder se exerce de maneiras sutis e dispersas

através de instituições e práticas sociais, moldando corpos e subjetividades (Foucault, 1975; 1979). Com isso, a marginalização das juventudes LGBTQIAPN+ pode ser entendida como um efeito desse poder relacional, cujos efeitos auxiliam na regulação coletiva de comportamentos e identidades tidos como desviantes, reforçando normas que se pautam pela heteronormatividade para serem aderidas pelas subjetividades dissidentes:

A heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade de acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas – e apenas duas – possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho (Petry e Meyer, 2011, p. 195).

A partir desta perspectiva foucaultiana (1988), entende-se que a heteronormatividade é também uma forma de poder que regulamenta e normatiza a sexualidade, podendo também ser mantida em diversas instituições, como as educacionais em todos os níveis de escolarização. Assim, a experiência dessas juventudes especificamente no contexto do Ensino Superior é atravessada por mecanismos de controle que perpetuam vulnerabilidades durante as vivências desse momento da vida.

Diante desse cenário de opressão e violência, surgem as políticas de ações afirmativas, que destinam distintos recursos para beneficiar pessoas pertencentes a grupos historicamente excluídos, como no caso da comunidade LGBTQIAPN+ (Andrade et al., 2022). Considerando o contexto histórico de exclusão social e violência, essas políticas se destacam como importantes instrumentos de promoção à inclusão e à equidade.

Diante disso, o presente artigo explora as percepções de juventudes LGBTQIAPN+ de distintos cursos de graduação da Universidade Vale do Rio Doce (Univale), uma Instituição de Ensino Superior Comunitária situada na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais. O intuito é compreender de que forma essas juventudes vivenciam o Ensino Superior e se percebem possíveis relações de violência de gênero no ambiente universitário, em decorrência de seus marcadores sociais de diferenças. Além disso, busca-se entender como elas avaliam a implementação das ações afirmativas adotadas pela instituição e seu impacto em suas trajetórias acadêmicas dentro da universidade.

METODOLOGIA

Este artigo é uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva (Vitalino, 2019), que tem como base as narrativas apresentadas neste estudo, originadas por meio da coleta de relatos de experiências de estudantes matriculados na Universidade Vale do Rio Doce (Univale) que se autointitulam como pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+.

A amostragem foi realizada por meio de entrevistas conduzidas a partir de um roteiro semiestruturado, efetuadas de maneira individual com 10 estudantes que se encaixavam nos critérios do estudo, por se autointitularem LGBTs. As entrevistas foram realizadas entre o segundo semestre de 2022 e o primeiro de 2023, em sala localizada nas dependências da instituição, com o objetivo de assegurar a privacidade dos entrevistados e os pressupostos éticos da pesquisa, tais como previstos no TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido previamente assinado pelos participantes. Além disso, todas as entrevistas foram gravadas em formato de áudio e todo o conteúdo registrado foi armazenado em uma pasta no Google Drive de forma online, no qual apenas o coordenador e os pesquisadores do projeto tinham acesso, garantindo a proteção do sigilo e a confidencialidade das informações coletadas. Após a transcrição, os participantes tiveram acesso para de gravação.

Ressalta-se que esta produção decorre do projeto de pesquisa “Políticas de Ações Afirmativas em Instituições de Ensino Superior em Governador Valadares: uma discussão sobre acesso e equidade”, financiado pela FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, e pela Fundação Percival Farquhar, mantenedora da Univale. O projeto de pesquisa visa conhecer as práticas de execução das políticas afirmativas em instituições de Ensino Superior na referida cidade (Parecer CEP n. 5.486.437).

No Quadro 1 são apresentadas as principais informações dos participantes, aqui compreendidas como os marcadores sociais de diferença em tela (juventudes, identidade de gênero e orientação sexual dissidentes) decorrentes de construtos sociais, e que por isto se dão no campo das subjetividades, a partir da autoidentificação narrada pelos entrevistados:

QUADRO 1- Informações dos participantes

Participantes	Gênero	Idade	Orientação Sexual	Ocupação	Curso
Entrevistado 1	Homem cis	33	Gay	Professor	Direito
Entrevistado 2	Homem cis	33	Gay	Gerente Comercial	Psicologia
Entrevistado 3	Mulher cis	22	Bissexual	Estagiária	Psicologia
Entrevistado 4	Homem cis	21	Gay	Estudante	Psicologia
Entrevistado 5	Homem cis	21	Gay	Estudante	Biomedicina
Entrevistado 6	Mulher cis	22	Lésbica	Estudante	Psicologia
Entrevistado 7	Homem cis	21	Gay	Social Media	Jornalismo
Entrevistado 8	Homem trans	21	Bissexual	Estudante	Psicologia
Entrevistado 9	Homem cis	20	Gay	Estudante	Psicologia
Entrevistado 10	Mulher cis	20	Lésbica	Trabalho não especificado	Direito

Fonte: Informações fornecidas pelos participantes da pesquisa (Autores, 2024)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

JUVENTUDES LGTBs NA UNIVALE

O Entrevistado 1 é um homem cisgênero gay e estudante do curso de Direito. Ele compartilha suas experiências como uma pessoa LGBTQIAPN+, destacando uma situação constrangedora na atlética de seu curso, em que enfrentou comentários homofóbicos recorrentes em um grupo de WhatsApp, o que o levou a deixar o grupo.

Em um país com alto índice de violência contra LGTBs como no Brasil, as vivências de juventudes LGBTQIAPN+ no Ensino Superior podem ser marcadas por diversos desafios e resistências, podendo sofrer com a discriminação e marginalização, tanto de forma explícita quanto implícita, seja por meio de insultos, exclusão social ou mesmo incivildades, termo utilizado por Abramovay (2011) para caracterizar as microviolências, humilhações, falta de respeito. Para a autora, esses tipos de violência:

têm um grande potencial de desorganizar a escola, o processo ensino-aprendizagem e também de desestabilizar as relações entre os atores que nela convivem, inviabilizando o cumprimento de seu papel social: formar - no sentido amplo do termo - crianças, adolescentes e jovens (Abramovay, 2011, p. 214)

Nesse sentido, tais formas de violência de gênero podem ser encontradas na fala do Entrevistado 1:

[...] eu passei por uma situação muito constrangedora dentro da Atlética, porque eu participava da atlética, jogava vôlei, e aí tinha o grupo de WhatsApp da modalidade e que... assim... diversas vezes, reiteradas vezes tinha-se aquelas brincadeiras que se você queria ofender alguém ia lá e chamava a pessoa de gay, se queria brincar com alguém era chamar a pessoa de gay, se queria alguma coisa... era, era denegrir o gay. Então isso foi algo tão maçante que chegou a um ponto que eu saí do grupo por causa disso, porque a sociedade por si só ela já tá extremamente pesada após o período do governo Bolsonaro, e aí eu passar isso dentro da faculdade de Direito é algo que eu não, não tenho necessidade, não tem por que eu passar dentro de uma universidade de Direito. Eu já tenho duas graduações e nas duas eu não tive que passar por isso e aqui dentro eu tive que passar. Então é até engraçado que no curso que não era pra isso existir de forma alguma, aconteceu.

Michel Foucault (1975), estudou como o poder é exercido nas relações de poder cotidianas em sociedade, não limitando-se às instituições específicas. No relato do Entrevistado 1, as 'brincadeiras' relatadas no grupo de WhatsApp podem ser interpretadas como manifestação do poder exercido por alguns membros do grupo sobre outros. O discurso predominantemente ofensivo por parte dos membros da

Atlética contribui para desvalorizar a identidade gay, reforçando normas sociais heteronormativas.

Já numa dimensão simbólica da violência, Bourdieu (1989) indica que esse tipo de violência é frequentemente aceita e normalizada na sociedade como um *habitus*, perpetuando a opressão, sem rechaçamento por outros participantes em contextos específicos. Ao rotular a homossexualidade como algo negativo e usá-la como insulto, esses discursos, apesar de descritos apenas como 'brincadeiras', perpetuam a marginalização de pessoas LGBTQIAPN+.

Formas de manifestações do poder e da violência simbólica também podem ser identificados na fala da Entrevistada 3, uma mulher cisgênero, bissexual e estudante do curso de Psicologia

É... eu sei que aqui eu tenho pessoas que eu consigo conversar sobre isso, mas não é algo que eu sinto tão confortável assim pra falar sobre mim, porque... todo dia, pelo menos uma vez na semana, pra não ser tão dramática, eu escuto alguém comentando alguma coisa do tipo 'ah eu entendo gay, entendo lésbica, mas esse pessoal que gosta de todo mundo pra mim isso é... sei lá, tipo isso não existe, ou...', ah dá a entender que é uma falha.

Assim como o Entrevistado 1, a Entrevistada 3 tem sua sexualidade questionada e desvalorizada, reforçando normas sociais que enxergam as diferentes identidades sexuais fora do padrão heteronormativo como "uma falha", algo que não existe ou não deveria existir, apontando para a necessidade disciplinar das formas de violência de gênero numa perspectiva foucaultiana (1989b).

O Entrevistado 2, um homem negro cisgênero e homossexual, destaca as dificuldades e superações enfrentadas tanto antes, quanto durante o Ensino Superior:

[...] Atualmente, eu já ressignifiquei tudo isso, né? Muita terapia, muito acompanhamento, muita elaboração disso tudo, né? De sempre lançar para frente, de sempre me lançar mediante a tudo que já passei e já vivenciei. Onde a própria sociedade pode nos rotular e você fica nos estigmatiza, então eu tive que transcender tudo isso para chegar onde eu cheguei, até mesmo estar, vamos falar formando, está me graduando no momento, nesse período, eu tive que passar por cima de tudo isso, de todo esse rótulo, para chegar aonde eu cheguei. Fácil não é, mas falar em relacionamentos sociais, não sofri nenhum preconceito e nenhum ataque, mas em termo econômicos, socioeconômicos sim, eu passei por uma situação muito complicada a ponto de não poder estudar, uma vez que os dados nos colocam dentro daquela população de mínima, tem mínima chance de chegar nesse lugar, de estar atuando nesse lugar.

Analisando a fala do participante também em uma perspectiva foucaultiana, podemos observar como o Entrevistado 2 enfrenta os mecanismos de poder que disciplinam para controlar indivíduos dentro da sociedade e das instituições de ensino. Como a violência decorre de relações de poder, este relato exemplifica que jovens

LGBTQIAPN+ agenciam formas distintas de resistência ao que se tem como expectativa social a seu respeito, em razão deste marcador social de diferença. O entrevistado luta contra os estigmas e rótulos, redefinindo sua identidade e espaço social por meio do autoconhecimento e do respeito mútuo, desafiando as normas e estruturas que tentam marginalizá-lo. Além disso, mesmo não sofrendo preconceitos e ataques diretos, ainda enfrenta dificuldades socioeconômicas tanto em seu acesso e como na permanência nos estudos.

O Entrevistado 4, um homem cisgênero e gay acadêmico do curso de Psicologia, relata ter uma boa experiência dentro da universidade

Aqui dentro da universidade para mim é muito de boa, nunca fui maltratado por ninguém, discriminado por ninguém, brinco com meus amigos, né, que eu tenho mais amigos gays, meus amigos héteros também super brincam com a gente, entende, não tenho nenhuma discrepância entre a gente não.

Contudo, ele enfrenta dificuldades fora do ambiente acadêmico. Ao ser questionado sobre possíveis constrangimentos fora do contexto educacional por conta de seus marcadores sociais, ele responde

Olha... ééé... poucas vezes..., mas, além da... geralmente minha mãe, né, não me aceita, minha família também é como, tipo... não fala muito então é meio que se falar não existe o assunto e na rua foram poucas vezes, só que eu me lembre agora só uma vez que a gente tava na mesa de um barzinho, tava eu e meu namorado e alguém lá chegou e falou: 'então é esse que é o casalzinho de viado?'. Essa é a única vez que eu me lembre.

Essa dualidade nas experiências do participante ilustra a importância das Instituições de Ensino Superior como espaços que podem oferecer suporte e inclusão para minorias, contrabalançando a opressão e o preconceito enfrentados em outros contextos sociais, sobretudo os familiares. Novaes (2022) apresenta a evitação familiar como uma territorialidade vivenciada por LGBTs, justamente porque as formas de preconceito e discriminação social são refletidas e reflexos nos/dos contextos familiares.

De maneira semelhante, o Entrevistado 5, homem cisgênero, gay e estudante de Biomedicina, relata não sofrer preconceitos na universidade: "Bom, aqui dentro da universidade eu não consigo identificar nenhuma indiferença, nunca fui destrutado por ninguém, não tenho reclamação da universidade não" (Entrevistado 5). Contudo, diferente do Entrevistado 4, ele alega ter mais suporte familiar. Ao ser questionado se conhece outras pessoas com a mesma identidade que a sua e se elas enfrentam alguma dificuldade, ele destaca o apoio que recebeu em casa, o que lhe permitiu lidar melhor com a sua identidade, ao contrário de muitas outras pessoas LGBTQIA+ que não têm esse suporte e, portanto, podem enfrentar mais dificuldades

Bom, a maioria das pessoas que são da nossa comunidade eu acredito que precisa sim, porque muitas das vezes eu não me vejo

no direito de fala, de falar de dificuldade pouco porque eu não tive em casa, tipo eu tive apoio de todo mundo na minha casa e muitas pessoas não tem apoio, aí eu não consigo ver a dificuldade que eles têm porque eu não tive muita dificuldade com isso, aí eu não consigo apontar isso pra você.

A Entrevistada 6 é uma mulher cisgênero, lésbica e estudante do curso de Psicologia, ela relata uma experiência tranquila e acolhedora na universidade, especialmente no seu curso, em que percebe uma diversidade significativa:

Eu acho bem tranquilo, inclusive porque eu vejo o curso da Psicologia com a diversidade bem grande, tanto da população LGBT quanto também de outras, outros tipos de pessoas que se enquadram em minorias, então eu acho bem tranquilo.

No entanto, fora do ambiente acadêmico, a participante comenta que já enfrentou preconceito e situações constrangedoras devido à sua orientação sexual

[...] estava em uma rua próximo ao cursinho que eu fazia junto com minha ex-namorada, e aí passou um cara com uma criança no colo e começou a falar muitas coisas, que eu não era de Deus, que a gente ia pro inferno. Foi bem pesado principalmente porque nós éramos duas mulheres em uma rua meio deserta e um homem passando falando isso foi bem assustador.

As experiências de preconceito que a participante enfrentou fora da universidade exemplificam como as situações de violência em distintos cenários fragiliza uma das partes envolvidas em ações violentas, pautadas por relações de poder (Foucault, 1979). É, desta forma, que a sociedade regula e controla identidades divergentes através de discursos e práticas disciplinares, que ratificam formas relacionais que marginalizam e constroem subjetividades a se constituírem a partir de seus marcadores sociais de diferenças tidos dissidentes, desviantes. Dentro da universidade, a entrevistada encontra um ambiente menos regulador e mais acolhedor, o que pode ser visto como a universidade se constituindo também como um espaço de resistência ao poder disciplinar das violências de gênero. As ações afirmativas e o apoio institucional funcionam como mecanismos para desafiar essas normas e promover a equidade, alinhando-se com as ideias de Foucault sobre como instituições podem tanto perpetuar quanto resistir a estruturas de poder.

Por outro lado, o Entrevistado 7, homem cisgênero homossexual e estudante de Jornalismo, relata:

Olha... eu posso dizer que não pela universidade em si, por alguns professores eu já reparei esse de tratamento diferenciado... pela instituição não, pelos meus colegas de classe já, mas eu acredito que seja uma minoria muito específica e que não afete um todo. Nunca me senti... afetado... que me de uma forma que me fizesse assim: 'aí eu vou parar de estudar, me deu vontade de parar de ir na faculdade', não, é uma minoria muito específica, situações muito específicas que aconteceram isso. [...] É, de às vezes ser ignorado ou

ser levado como brincadeira, ser tratado de forma como... eu não sou merecedor da sua atenção, as outras pessoas são mais importantes do que eu, apesar de às vezes eu acreditar ser extremamente normal, tem momentos que eu parei e pensei se realmente era isso ou não. Então eu acredito que as coisas elas... essas situações que aconteceram elas não tomam uma proporção *tão grande porque elas não, não tiveram muito, não me afetou muito nesse quesito.*

O fato de o participante não sentir necessidade de interromper seus estudos, mesmo vivenciando experiências de preconceitos e discriminação sugere que ele tem recursos (simbólicos, sociais ou culturais) que lhe permitem enfrentar essas adversidades de maneira menos impactante do que poderia ser para outras pessoas.

Já o Entrevistado 8, um homem trans e bissexual, acadêmico do curso de Psicologia, comenta que teve uma experiência positiva dentro do ambiente universitário, sem sofrer qualquer tipo de discriminação, mas conhece outras pessoas que, infelizmente, não tiveram o mesmo:

(...) eu entrei na faculdade eu não tinha me descoberto uma pessoa trans, e ao longo da minha trajetória aqui, né, do curso, eu consegui me assumir, entrar com recurso também pra entrar com nome social na chamada, nos documentos e tal, e aí... foi, tá sendo tranquilo, foi tranquilo esse processo tanto com a questão de administrativo de mudar o nome e tal, os professores também foram tranquilos, colegas foram tranquilos, então tá sendo bom o processo (...) mas em outros cursos que eu conheço e já ouvi falar, que dentro da sala alguns professores têm discurso transfóbico, ou homofóbico, ou bifóbico, que seja, fóbico que for, e também vindo dos próprios alunos também, sabe? Então não sei se é a mesma experiência pra todos, pra mim foi assim, mas pra alguns eu sei que não é.

O Entrevistado 9, homem cisgênero, gay e estudante de Psicologia, destaca uma mudança positiva das relações sociais no ambiente universitário em relação ao ambiente escolar:

Olha, até que está tranquilo. Comparado com a escola, que foi onde eu sofri bastante bullying por causa dos meus trejeitos afeminados, que eu tinha bastante, atualmente já não é tanto, ainda tenho, mas não é tanto como antes, aqui dentro é bem tranquilo.

A experiência do participante na escola em que ele enfrentou bullying pode ser entendida à luz do conceito de vigilância e controle social de Foucault (1975). Na escola, as normas de gênero e a pressão para conformidade podem resultar em comportamentos discriminatórios e opressivos contra aqueles que não se encaixam nas expectativas tradicionais de masculinidade ou feminilidade. Contudo, ao ingressar no

NOVAES, E. C.; COELHO, A. de O. L.; SILVA, T. de C.; DUARTE, Y. C. C.

Ensino Superior, tais comportamentos discriminatórios não foram identificados pelo participante, mostrando uma mudança positiva no novo ambiente educacional.

Por fim, a Entrevistada 10, mulher cisgênero, lésbica e estudante de Direito, comenta não ser tratada com indiferença, porém nota piadas dentro de sala de aula:

Aqui dentro do espaço da Univale a gente não, não é tratado com indiferença né, e é bem, as pessoas respeitam bastante, né? Às vezes tem piadinha dentro de sala, mas tipo, acho que não tem maldade né e tals, tem uma pessoa em sala que, tipo, ataca esse grupo de pessoas tudo mais, mas tipo nem, relevo sabe? Mas o convívio em geral aqui é bem tranquilo.

A observação da participante sobre uma pessoa em sala que ataca o grupo LGBTQIAPN+, mas que ela consegue relevar, mostra como as dinâmicas sociais podem incluir tanto comportamentos inclusivos quanto atitudes discriminatórias, e como a percepção e a resposta individual a essas situações podem variar. As formas de agenciamento para lidar com os preconceitos, em determinados contextos, envolve inclusive o silenciamento para não promover aqueles que promovem discriminações.

DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES AFIRMATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: O CASO DA UNIVALE

A Universidade Vale do Rio Doce (Univale) é uma Instituição de Ensino Superior, classificada como comunitária. Segundo Bittar (1999), tais instituições atuam com uma dimensão pública especial, caracterizadas pela ausência de subordinação a interesses empresariais individuais ou de grupos, pela vinculação com a região ou uma ampla parte da população e pela participação da sociedade civil em seu controle e poder.

Na Univale, as políticas de ações afirmativas vêm se destacando como importantes ferramentas para promover a inclusão e equidade no Ensino Superior, tendo como premissa a reparação das desigualdades históricas e garantia ao acesso e inclusão de grupos socialmente discriminados, como a comunidade LGBTQIAPN+. Assim, a Univale vem nos últimos anos investindo em políticas de ações afirmativas, conforme previsto em seu Plano Institucional de Inclusão e Acessibilidade (Univale, 2019),

A instituição considera que a inclusão e acessibilidade são princípios fundamentais que norteiam seu projeto institucional. Por isto, é disponibilizado aos estudantes um serviço interno de apoio às atividades didático-pedagógicas por meio de um serviço previsto no organograma institucional desde o ano de 2008, pela Portaria Univale nº 018/2018 (Univale, 2019, p. 10)

Com base nisso, foi criado o Espaço A3 - Apoio ao Aluno, uma estrutura administrativa interna da Univale que presta apoio aos discentes da instituição, oferecendo serviços, programas e ações cujo foco é garantir a permanência estudantil na Universidade (Univale, 2018). Entre os serviços oferecidos, tem-se o Serviço de Apoio Psicológico e o Serviço de Apoio Pedagógico, que tem entre seus objetivos acolher e ouvir o estudante com foco em suas necessidades individuais, atender e orientar

coordenadores dos cursos, sugerindo intervenções que melhorem a relação entre professor e aluno, e a comunidade acadêmica. Outras ações desenvolvidas pelo Espaço A3 incluem a Semana da Diversidade, que promove a discussão sobre a diversidade humana e respeito às diversidades, e as Oficinas de Grupos Terapêuticos, que ajudam a promover o bem-estar emocional dos participantes.

Ao questionarmos os participantes sobre as ações promovidas pela instituição, nota-se que muitos conhecem o Espaço A3 e algumas de suas atribuições, porém não de forma aprofundada, conforme destacado na sequência:

Sim, tem esse Espaço A3, tem a bolsa social que é realizada também anualmente pra dar acesso ao ensino superior, pra mim é super válida essa bolsa, eu até queria que ela fosse um pouquinho mais ampla, né, que ela tivesse subdivisões de grupos pra poder abranger não só o social de forma geral, mas de forma específica. Garantir x vagas para um grupo, x vagas para outro, bolsas atletas, etc (Entrevistado 1).

No raso, assim o que eu sei é que o Espaço A3 vem atuando, é... para as pessoas, que eu saiba tá, com deficiência, pessoas que precisam de alguma ajuda. Por exemplo, quando eu descobri que tinha TDAH me falaram que se quisesse procurar o Espaço A3 pra ter um acompanhamento melhor, poderia procurar, então... eu vejo isso, mas não sei a fundo (Entrevistada 6).

Acho que o Espaço A3 acho que é um exemplo disso também, né, porque as pessoas podem vir com as demandas delas, sejam questões de adaptação física, tanto com professores, quanto com alunos (Entrevistado 8).

A Entrevistada 10 comenta sobre a presença de um psicólogo para atender os alunos: "Sim, aqui, igual tem a, acho que tem psicólogo né, que disponível pros alunos, assim é bem acessível a Univale". Contudo, alguns estudantes desconhecem esses serviços, como o Entrevistado 4, que diz: "Não, não sei de nada". O Entrevistado 5 também desconhece as ações promovidas, mas tem conhecimento da existência do Espaço A3: "Não, pior que eu não sei te falar, eu só sei do Espaço A3". O Entrevistado 9 também comenta: "[...] só sei mesmo aqui do Espaço A3 mesmo, que atende caso alguém esteja precisando de alguma coisa, tanto PcD quanto apoio psicológico, essas coisas".

Já o Entrevistado 7 alega não se lembrar de quais ações a instituição promove, mas reconhece que a Univale se propõe a dar voz às pessoas pertencentes a grupos historicamente excluídos e ao mesmo tempo também faz uma crítica sobre o posicionamento da instituição perante o tema:

[...] Olha, de cabeça assim eu não lembro, mas eu sei que a Univale sempre foi uma Universidade que desde quando eu trabalhava aqui ela sempre se propôs a dar voz às pessoas, seja elas PCD, LGBTQIA+, sejam elas preta, seja elas indígenas, acredito que ela sempre deu

voz, sempre propôs a visibilidade a essas pessoas, apesar de eu achar que por exemplo nas redes sociais eles poderiam ser mais ativos nesse quesito, por exemplo passou o mês do orgulho todo e a Univale não fez uma postagem sobre o assunto, não fez um texto no blog, não fez absolutamente nada, ficou um vão de um mês, né, que todo mundo, todas as instituições falam sobre o assunto e a Univale ficou calada, então assim eu acho que apesar dela dar muita voz, ela em si não se posiciona, ela não se posiciona em prol dos alunos e eu sinto que às vezes não tem muito esse esforço de se posicionar com os alunos, não pro os alunos, mas com os alunos” (Entrevistado 7).

É evidente que a Univale tem desenvolvido iniciativas importantes para promover a inclusão e a equidade, mas ainda há desafios a serem vencidos. A comunicação e o engajamento contínuo com a comunidade acadêmica são essenciais para fortalecer o impacto das ações afirmativas e garantir que todos os estudantes conheçam e acessem os serviços oferecidos. Nesse sentido, os apontamentos dos estudantes podem servir como um guia para aprimorar as políticas e práticas institucionais, promovendo um ambiente mais inclusivo e acolhedor para a comunidade LGBTQIAPN+.

Além disso, é fundamental que a instituição intensifique a divulgação de suas ações e serviços, utilizando múltiplas plataformas e abordagens para alcançar todos os estudantes de forma eficaz. Isso inclui não apenas postagens em redes sociais e comunicados oficiais, mas também a criação de espaços de diálogo e feedback contínuo com os discentes. Ao incorporar as sugestões e críticas dos estudantes, a instituição pode desenvolver estratégias mais alinhadas às necessidades reais da comunidade acadêmica, promovendo um sentimento de pertencimento e segurança entre os estudantes LGBTQIAPN+.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo apresentar as percepções de vivências de jovens estudantes da Univale que se autointitulam LGBTQIAPN+. Os relatos revelam uma realidade complexa e multifacetada em decorrência de seus marcadores sociais de diferença. Enquanto alguns estudantes relatam experiências positivas e inclusivas dentro do ambiente acadêmico, outros enfrentam desafios significativos, como discriminação, microviolências e dificuldades socioeconômicas. Essas narrativas refletem não apenas as dinâmicas individuais de cada participante, mas também como as estruturas sociais e culturais mais amplas moldam as interações e experiências no Ensino Superior de forma heterogênea, sobretudo quando se trata de violências de gênero.

As analisar as violências de gênero, a abordagem foucaultiana é pertinente para compreender como o poder se manifesta nas relações sociais e como as normas sociais, muitas vezes invisíveis, podem influenciar as subjetividades dentro da universidade. Já a abordagem bourdieusiana é relevante para se pensar como a violência simbólica se manifesta em relatos dos participantes a partir de certos discursos e comportamentos que podem perpetuar a marginalização e o preconceito contra as pessoas LGBTQIAPN+, mesmo em ambientes inclusivos como uma instituição de ensino superior comunitária.

Por outro lado, as ações afirmativas implementadas pela Univale, como o Espaço A3 - Apoio ao Aluno, representam uma tentativa de promover a inclusão e equidade dentro da instituição. Esses serviços oferecem suporte emocional, psicológico e pedagógico aos estudantes, visando garantir a permanência e o bem-estar de todos os membros da comunidade acadêmica. No entanto, é importante reconhecer que ainda há desafios a serem superados, como a falta de conhecimento sobre esses serviços por parte de alguns estudantes e a necessidade de maior engajamento da universidade em questões relacionadas à diversidade e inclusão.

O estudo tem potencial de impacto ao fornecer insights sobre a eficácia das políticas afirmativas e ao sugerir melhorias para a inclusão e equidade no ambiente universitário. Além disso, cabe destacar seu caráter inédito ao focar nas vivências específicas de juventudes LGBTQIAPN+ na Univale, uma área pouco explorada neste campo de estudos locais. Neste sentido, oferece contribuição ao destacar a importância das políticas afirmativas e ao sugerir melhorias baseadas nas percepções dos próprios estudantes.

Portanto, a comunicação eficaz e o diálogo contínuo entre a instituição e os estudantes são fundamentais para fortalecer as políticas de ações afirmativas e garantir que elas alcancem seu objetivo de criar um ambiente mais acolhedor e inclusivo para todas as juventudes com seus múltiplos marcadores sociais da diferença. É crucial que a universidade continue a ouvir e incorporar o retorno institucional aos estudantes em suas políticas e práticas. A participação ativa dos estudantes na formulação e avaliação das ações afirmativas pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de um ambiente universitário mais justo, inclusivo e acolhedor para todos. Além disso, a sensibilização e a educação sobre questões de gênero, sexualidade e diversidade são essenciais para combater o preconceito e promover a tolerância e o respeito mútuo dentro e fora da universidade.

Artigo recebido em: 30/09/2024

Aprovado para publicação em: 04/12/2024

EXPERIENCES OF LGBTQIAPN+ YOUTH IN HIGHER EDUCATION: THE BETWEEN SOCIAL MARKERS OF DIFFERENCE AND GENDER VIOLENCE

ABSTRACT: This article presents perceptions of young people who call themselves LGBTQIAPN+ and who are studying at a community higher education institution in Governador Valadares/MG. Based on Pierre Bourdieu's concepts of symbolic violence and Michel Foucault's disciplinary power, such social markers of difference (dissident youth, gender identities and sexual orientation) are related to experiences of gender violence. This is a qualitative, exploratory and descriptive research, which uses semi-structured interviews with 10 participants. The results reveal that, despite advances in university contexts to create inclusive environments that respect differences, there is a need to improve communication and institutional engagement to effectively support LGBTQIAPN+ youth.

NOVAES, E. C.; COELHO, A. de O. L.; SILVA, T. de C.; DUARTE, Y. C. C.

KEYWORDS: Social Markers of Difference. Gender Violence. LGBTQIAPN+ Youth. Higher Education.

EXPERIÊNCIAS DE JÓVENES LGBTQIAPN+ EN EDUCACIÓN SUPERIOR: ENTRE MARCADORES SOCIALES DE DIFERENCIA Y VIOLENCIA DE GÉNERO

RESUMEN: Este artículo presenta percepciones de jóvenes que se autodenominan LGBTQIAPN+ y que estudian en una institución de educación superior comunitaria en Governador Valadares/MG. Basados en los conceptos de violencia simbólica de Pierre Bourdieu y el poder disciplinario de Michel Foucault, estos marcadores sociales de diferencia (jóvenes disidentes, identidades de género y orientación sexual) están relacionados con experiencias de violencia de género. Se trata de una investigación cualitativa, exploratoria y descriptiva, que utiliza entrevistas semiestructuradas con 10 participantes. Los resultados revelan que, a pesar de los avances en los contextos universitarios para crear entornos inclusivos que respeten las diferencias, existe la necesidad de mejorar la comunicación y el compromiso institucional para apoyar eficazmente a los jóvenes LGBTQIAPN+.

PALABRAS CLAVE: Marcadores Sociales de Diferencia. Violencia de Género. Jóvenes LGBTQIAPN+. Educación Superior.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. S. Essa Violência mal-dita. In: ALMEIDA, S. S. (Org.). **Violência de gênero e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007.

ANDRADE, F. M. R; GOMES, J. S; ALMEIDA, M. N; MILAGRES, Y. M. S.Ações afirmativas no Ensino Superior: o caso do Programa de Pós-graduação em Ensino, da Universidade Federal Fluminense. **Revista Educação e Políticas em Debate**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 122–141, 2022. DOI: 10.14393/REPOD-v11n1a2022-64905. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/64905>. Acesso em: 26 maio 2024.

ABRAMOVAY, M. Violências e Incivilidade. In: FRAGA, F. C. B; ROSA, J. H. A; ARÃO, L. **Dez Olhares Sobre: Juventude e Cultura**. Fundação Guimarães Rosa, Belo Horizonte, 2011, p. 213-217.

BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Revista Sociedade e Estado*. v. 29, n. 2, maio/agosto, 2014, p. 449-469.

BITTAR, M. **Universidade comunitária: uma identidade em construção**. São Carlos, 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos.

BRASIL, Lei Federal nº. 12.852, de 05 de agosto de 2013. **Estatuto da Juventude**. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40–52, set. 2003.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989b.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1975.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HENNING, C. E. Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**. Londrina, v.20, nº 2, jul./dez. 2015, p. 97-128.

Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2023 / Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). – Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2024.

NOVAES, E. C. **'Prazer, maricona': multiterritorialidades de homens gays envelhecidos em Governador Valadares**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2022.

OMS. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: OMS, 2002.

PETRY, A. R; MEYER, D. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 193–198, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/7375>. Acesso em: 26 maio. 2024.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**. Goiânia, v. 11, nº 2, jul. - dez 2008, p. 263-274

NOVAES, E. C.; COELHO, A. de O. L.; SILVA, T. de C.; DUARTE, Y. C. C.

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE (UNIVALE). **Plano Institucional de Inclusão e Acessibilidade – Univale (2019-2023)**. Governador Valadares, MG, 2019.

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE (UNIVALE) **Resolução CONSUNI nº. 048/2018. Regulamentação do Espaço A3 – Apoio ao Aluno**. Governador Valadares, MG, 2018.

VITALINO, A. L. **Procedimentos metodológicos em dissertações de mestrados profissionais na área de ciências sociais aplicadas: estudos de casos múltiplos no campo de públicas**. 2019. Dissertação (Mestrado em Gestão de Organizações e Sistemas Públicos) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11876>. Acesso em: 26 maio 2024.

ZAMBONI, M. B. Marcadores sociais. **Sociologia Especial**. São Paulo, 2018. p. 13-18.

EDMARCUS CARVALHO NOVAES: Doutor Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor e Pesquisador no Mestrado Interdisciplinar em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce. Coordenador do Projeto de Pesquisa "Políticas de Ações Afirmativas em Instituições de Ensino Superior em Governador Valadares: uma discussão sobre acesso e equidade" (UNIVALE/FAPEMIG).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1901-0167>

E-mail: edmarcius@hotmail.com

ADRIANA DE OLIVEIRA LEITE COELHO: Doutora Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora e Pesquisadora no Mestrado Interdisciplinar em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce. Pró-Reitora Acadêmica da Universidade Vale do Rio Doce. Compõe a equipe do Projeto de Pesquisa "Políticas de Ações Afirmativas em Instituições de Ensino Superior em Governador Valadares: uma discussão sobre acesso e equidade" (UNIVALE/FAPEMIG).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3384-6593>

E-mail: adriana.coelho@univale.br

TIAGO DE CASTRO SILVA: Bacharel em Psicologia pela Universidade Vale do Rio Doce. Na graduação atuou como bolsista de iniciação científica do Projeto de Pesquisa "Políticas de Ações Afirmativas em Instituições de Ensino Superior em Governador Valadares: uma discussão sobre acesso e equidade" (UNIVALE/FAPEMIG).

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-3967-8108>

E-mail: tiagogv32@gmail.com

YASMIN COELHO COUTINHO DUARTE: Bacharelanda em Psicologia pela Universidade Vale do Rio Doce. Na graduação atuou como bolsista de iniciação científica do Projeto de Pesquisa "Políticas de Ações Afirmativas em Instituições de Ensino Superior em Governador Valadares: uma discussão sobre acesso e equidade" (UNIVALE/FAPEMIG).

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-2892-1424>

Vivências de juventudes LGBTQIAPN+ no Ensino superior...

Dossiê 1743

E-mail: yasmincoelhoacoutinho@gmail.com

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).